

Nos verbos em *-ir* não seria possível dar-se a distinção que nem existe ela na vogal *i* em nosso falar português. Se porém, a distinção não pode dar-se conservando-se a vogal fundamental *i*, dá-se ainda assim na conjugação por exemplo do verbo *vir* cuja 1.<sup>a</sup> pl. pr. é *vimos* e cuja 1.<sup>a</sup> pl. pret. é *viemos*.

#### CONCLUSÃO

Portanto convém que se escreva: *-amos* no presente, *-ámos* no pretérito. Os habitantes da região do norte podem pronunciar *-âamos* ou *-ámos* em ambos os tempos, os habitantes da região do centro e sul vêem logo marcada gráficamente a distinção morfológica existente principalmente na pronúncia de todo o centro.

Se alguém confunde na pronúncia única *-ámos* as duas formas, é esse facto, e mais ainda os esporádicos, daqueles de que não temos de curar para que se estabeleça a ortografia. São verdadeiramente sem influência para a função normal, fisiológica, que devemos estudar.

Tal é o princípio de respeito dos dialectos, e da história da lingua, o qual sempre tive em atenção na ortografia em cujas bases colaborei e as quais rediji como correm impressas.

Lisboa 12 de janeiro 87.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

## O JUDEU ERRANTE EM PORTUGAL

A lenda conta o seguinte:

Quando Jesus Christo, subindo ao Golgota, com a cruz ás costas, passou, exausto de forças, na íngreme rua da amargura, diante da officina de um sapateiro hebreo, os soldados que o escoltavam, pediram compadecidos (ou o proprio Christo rogou humildemente) ao sapateiro que lhe permittisse repousar um instante na sua casa. Este, porém, não só recusou, mas, escarnecendo do cruel martyrio do Deus-Homem, gritou, empurrando-o brutalmente: « Anda! caminha! » E um eco celeste, repetindo esta ordem despiédosa, respondeu: « Anda! caminha! »

E' desde então que o *Judeu errante*, o *Judeu immortal*, marcha sem parar e sem achar repouso em parte alguma, impellido por uma

força sobrenatural: ficou condemnado a andar assim incansavel, de terra em terra, até á consummação dos seculos, até á vinda do Senhor que lhe dissera: *Expectabis me, donec venero.*

Os eruditos do Oriente chamam *Cartaphilo* ao Judeu errante, contando que fôra porteiro de Poncio Pilatos e que ao sahir do adro do Pretorio empurrára sem dó a Jesus Christo: os sábios e chronistas do Occidente denominam *Abascero* ao sapateiro de Jerusalem. Alguns povos meridionaes deram-lhe, contudo, outro nome, mais em harmonia com o genio nacional: um nome popularissimo em Italia e Hespanha: o de *João* <sup>1</sup>.

Lembraram-se, de certo, d'aquella celebre passagem do Evangelista, em que Jesus, fallando do «discipulo que amava» e que ao tempo da Cea estivera reclinado sobre o seu peito, respondendo á pergunta de S. Pedro: *quid iste?* pronnciara as palavras propheticas: *sic cum volo manere donec veniam, quid ad te?* E correu logo esta voz entre os irmãos que aquelle discipulo não morreria (S. João XXI, 22), e todas as nações ficaram acreditando e repetindo que um dos que presenciaram a crucificação, viveria até ao Juizo final.

O povo italiano, acceitando ou escolhendo o prenome *João* para o seu Hebreo errante, den-lhe ainda a alcunha realista de *Buttadeu*, *Buttadio* ou *Arributtadio* <sup>2</sup>, i. é, *Empurra-deus*, empregada desde o seculo XII, e usadissima ainda hoje em dia <sup>3</sup>.

A tradição hespanhola, pelo contrario, poetica até nos mais pequenos pormenores das suas riquissimas lendas, ampliou e desenvolveu o typo do Judeu errante chamado *João*, dando-lhe umas feições peculiares, caracteristicas do fervor religioso que distingue a Peninsula. Em Hespanha e Portugal quem tem o doce nome de João, é aben-

<sup>1</sup> A maior parte das figuras que a phantasia popular inventou ou acceitou da tradição historica, modificando-as, e dos typos que creou, têm na Peninsula, quando masculinos o nome de *João*, e quando femininos o de *Maria*. Indiquemos alguns exemplos: *Juan de las ciñas* (Parnaso Lusitano, II, p. 209) *Juan de los Tiempos* (Liebrecht, Volkskunde p. 107); *Juan de Espina* (Wolf, Studien p. 683); *Buen Juan*; *Juan de buen alma*; *Juan de Garona* (piolho); *Juan Diaz* (cadeado, fechadura); *Juan Dorado* (a libra que o portuguez chama Santo-amarelo); *Juan-Linas amaricas*; *Juan de Coca*; *Juan platero* (moeda de prata); *Juan Palomo*, *Juan Decanas* (arag. maricas); e em Portugal *João-Ninguém*; *João-Fernandez*; *João de boa alma*; *João dos Emprastos*; *Maria Molha*; *Maria de bons pés*; *Maria das pernas compridas*; *Maria Parda*; *Maria da manta*; *Maria Padilha*; *Maria-seca*; *Maria Custanhá*, etc.

<sup>2</sup> Na extensissima serie das velhas pragas jocoserias que colleccionei, extractando-as das comelias vulgares, encontra-se a formula *rotadeus voto a-deus*, (hesp. *rotadios voto-a dios*). *Voto vol'u* n'esta formula de juramento e imprecção não tem absolutamente nada com o verbo *botar* (arremessar, deitar), que corresponde ao ital. *buttare*. E' o subst. *voto*, lat. *volam*, promessa, juramento. Cfr. *voto-a-tal*; *voto-a-mares*; *voto-à-la-Virgen-Maria*; *juro-a-diez*; *juri-a-diez*; *juri-a-dobre*; *juri-a-dobre*; *juri-a-diego*; *juri-al-ciego*; *juri-al-heno*; *juri-a-mi*; *juro-a-nos*; *juri-a-ños*; *juri-a-mi-vida*; *juri-al-cuerpo-de-nos*; *juro al siglo de mi bis-aguelo*, etc.

<sup>3</sup> Cfr. Romania x, p. 213. Le Juif Errant en Italie au XIII siècle, par A. de Ancona.

coado, e não pôde morrer reprobado, com o signal de Cain na testa: eis porque o folklore hespanhol, apresentando um *Buffadío* arrependido, mortalmente triste, curvado debaixo do peso da vergonha e do desespero, inventou um *finale* consolador.

Uma qualquer sexta feira santa, ás tres horas da tarde, o infeliz ancião teve uma visão. Por entre nuvens appareceu-lhe o Calvario, com as tres cruzes erguidas, e ajoelhada, abraçando a cruz do Redemptor, uma mulher tão formosa quanto triste, e tão triste quanto meiga, a qual, voltando o rosto para o pobre João, lhe disse lacrimosa: «João! espera em deus!». E todas as sextas feiras santas, quando a lembrança do seu delicto o fustigava com mais vehemencia, *Juan-espera-en-dios*, viu novamente N. S., *mater* piedosa, cuja appareção lhe ia dando forças para continuar aquella marcha dolorosa que já dura ha 18 seculos <sup>1</sup>.

Foi visto muitas vezes, velho, com o cabello branco de neve, e a barba comprida igualmente branca, e com feições tristes que aliás lembram a physiognomia do Nazareno. Palla a lingua do paiz por que passa. Varia de traje: mas traz sempre uma algibeira ao lado em que leva cinco moedas — *las cinco blancas de Juan-espera en dios*. Pintou em muitas egrejas a vera effigie do Salvador. Conversou com muitos poetas e *deciboleros* na Inglaterra e Escocia, em França, Italia, Hungria, Austria e Allemanha, na Suecia e Dinamarca, na Russia e até na Persia, na Polonia e em Hespanha; e estes poetas divulgaram as suas confidencias.

Ao lado de singelissimos contos populares, espalhados pouco a pouco por todo o orbe, existem numerosas criações individuaes do genio de poetas distinctos, a que a lenda deu ensejo, mas que mal revelam o modesto germen popular d'onde brotaram.

Foi principalmente a douta Allemanha protestante que deu a vida a bellas concepções litterarias e artisticas de Ahasvero, cheias de allusões metaphysicas: pequenas poesias lyricas, extensos poemas, dramas, e epopeias inteiras, em que o *Judeu errante* é apenas o symbolo do povo israelita, o qual tambem marcha incansavel d'um polo a outro polo, ou a personificação da humanidade que *erra* sem repouso e sem fim.

Temos uma primorosa ballada de A. W. von Schlegel; uma tragedia de Klingemann; um fragmento lyrico de J. L. Schubart; uma epopeia de J. Mosen; uma bella poesia de A. von Zedlitz; uma allegoria tendenciosa de L. Köhler; temos os versos melodosos de Nic. Lenau, de A. Schreiber, de E. von Schenk, de G. Pfitzer, de M. Smets; e ultimamente o «Ahasvero em Roma» de Robert Hamerling e o «Jehovah» de Carmen-Sylva, pseudonymo da gentil princeza que occupa o throno da Rumenia.

A França apresenta a prosa do extensissimo romance de Engène

<sup>1</sup> Veja-se: Fernan Caballero, *La Estrella de Vandalia*, cap. vi, p. 239 do vol. xiii da «Collección de Autores Españoles» de Leipzig.

(1) Ha um archeologo  
de nome de arch.  
f. chamado Espe.  
rauer

(2) *pera-en-dios*, viu novamente N. S., *mater* piedosa, cuja appareção lhe ia dando forças para continuar aquella marcha dolorosa que já dura ha 18 seculos <sup>1</sup>.

Sae; a suave canção de Béranger, o drama symbolico de Edgar Quinet, etc. Na Italia o «*Battadio*» é muito conhecido, um verdadeiro ente mythico e proverbial; como tambem na Hespanha, a qual ainda produziu um (mediocre) drama «*Las cinco blancas de Juan Espera en dios*» por D. Antonio Sigler y Huerta <sup>1</sup>. O «*Volksbuch*» intitulado «*Relação milagrosa de um Judeu natural de Jerusalem, chamado Ahasvero, o qual pretende ter assistido á crucificação de N. S.*» foi divulgado em numerosas edições em allemão, francez, hollandez e latim.

E Portugal? será crível que este paiz desconhecesse completamente o Judeu errante? Os filhos do povo nunca ouviriam a bella lenda? e caso a ouvissem, não a repetiriam, não a nacionalisariam, recordando mais tarde o typo do eterno viajante, do incansavel e involuntario caminhador, em phrases proverbiaes, em locuções abreviadas? Os sabios e os poetas do seculo aureo da litteratura não se aproveitariam do fundo symbolico e allegorico da tradição?

O Judeu errante foi visto varias vezes em Madrid; parece ter feito a romaria de Santiago de Compostella em 1627 <sup>2</sup>, inspirou ali a modificação da lenda a que já alludi, originando uma especie de segunda parte, na qual o malvado, escarnecido e rechaçado, apparece arrependido e redemido; viven, despido do seu caracter tragico, no maravilhoso popular da Hespanha, 1.º como personificação da longevidade, com qualidades muito superiores ás do biblico Matusalem e do classico Nestor; 2.º como typo proverbial do viajante irrequieto, rival temivel do feliz possuidor das botas de sete leguas, do Infante D. Pedro que correu as sete partidas do mundo, e de Fernam Mendes Pinto, o das Peregrinações; e em terceiro lugar como typo do *saibo* omnisciente, do escolar nigromante.

E Portugal, a patria do Infante, a patria do Peregrino, seria entre todos os paizes europeus o unico a ignorar a sorte do Judeu errante? Impossivel! Trajado á hespanhola, com o nome de *Juan-espera-en-dios* deve ter transposto as raias de Portugal; deve ter deixado impressão mais ou menos funda no espirito da nação. Assim pensava eu quando ouvi a primeira vez em 1880 expôr ao meu bom amigo Francisco Adolpho Coelho a opinião contraria. Assim continuei a pensar, quando li posteriormente o curto trecho, em que o illustre glottologo tratou *brevissima manu* do Judeu errante na Hespanha, chamando na nota final da «*Revista d'Ethnologia e de Glottologia*» a attenção de Gaston Paris, como autor d'um bello artigo sobre Ahasvero <sup>3</sup>, para

<sup>1</sup> Impresso na Parte xxxii da antiga colleção de «*Comedias escogidas de los mejores ingenios de España*». Madrid, 1669.

<sup>2</sup> ... *et ille Joannes transivit per Forticium vadens ad Sanctum Jacobum atra Christi millesima ducentesima sexagesima septima* ... palavras do astrologo italiano Guido Bonnatti que foram extrahidas por A. d'Ancona, da obra *Introductorius ad judicia stellarum*.

<sup>3</sup> No vol. vii da «*Encyclopedia das sciencias religiosas*» publ. por L. Lichtenberger e tambem em folheto separado.

um trabalho menos conhecido do douto Ferdinand Wolf<sup>1</sup>. Lembra-me vagamente de ter lido a alcunha hespanhola em antigas obras portuguezas, mas não estava habilitada para combater immediatamente com factos irrespondiveis o scepticismo do meu adversario, o qual affirmava não ter descoberto, durante as suas longas investigações no campo da litteratura popular e classica da patria, vestigio algum da lenda, e concluia por isso que ella «*não era popular em Portugal, ou pelo menos era de introdução recente*». Resolvi indagar a verdade e hoje apresento aos leitores d'esta nova Revista — á qual desejo larga e prospera vida — os poucos fructos do meu trabalho, os poucos factos que colligi.

Interroguei de balde a tradição viva: ainda não achei um unico popular que soubesse contar a lenda de Ahasvero, nem conheço quem a ouvisse relatar. Consultei sem resultado os monumentos da arte nacional, examinando p. ex. nas vias sacras do Bussaco e do Bom Jesus de Braga as figuras meio destruidas das rusticas capellinhas que representam o Pretorio e a varanda de Poncio Pilatos e que figuram Jesus-Christo caminhando para o Calvario por entre a multidão dos pharisens. Li os letreiros explicativos que signalam os differentes passos: contemplei as grandes estatuas do santuario de Braga, tudo sem proveito. No Bussaco rememora-se a legendaria ponte do rio Cedron «por onde Christo N. S. passou, e os tyranos o lançaram abaixo sobre as pedras que estavam no rio, e ficaram os signaes impressos, como se vêem no dia de hoje»; estão marcados até os sitios da primeira e da segunda queda, mas não se falla nem do porteiro do «Presidente» Poncio Pilato, nem do sapateiro «deshumano»: se existiram um dia, estão hoje reduzidos a pó. Procurei o seu nome nos Autos ainda hoje populares do *Juizo final* e da *Paixão*, — tambem inutilmente: continuo pois a ser incapaz de provar que a lenda é popular em Portugal.

Mas, se não encontrei o proprio Judeu, se não o pude observar directamente na vida do povo moderno, vi ao menos a sua sombra, muito ao longe, no passado d'alguns d'aquelles livros nacionaes, que são verdadeiros monumentos da litteratura; e posso demonstrar que o *Judeu errante*, ou antes, que *Juan-espera-en-dios* pisou uma vez o solo portuguez, que a sua lenda viveu aqui, no seculo xvi, e anteriormente, porque naquella epoca já originára alguns dictos proverbiaes.

São quatro os autores quincentistas, em cujas obras encontrei referencias ao Judeu errante: Francisco de Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Antonio Prestes e Francisco Rodrigues Lobo. Todos quatro beberam, como é sabido — largamente — na fonte popular; todos quatro rechearam textualmente as suas prosas e os seus versos de locuções verdadeiramente nacionaes, de ro-

<sup>1</sup> Beitrage zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's. Wien 1858.

mauces vulgares, de proverbios, de allusões a usos, costumes, festas e jogos populares, a superstições e crenças, das quaes muitissimas subsistiram até hoje <sup>1</sup>. Mas apezar d'isso, seria temerario estabelecer de antemão que as taes referencias a João-de-espera-em-deus tiveram origem puramente popular, porque Prestes e Rodrigues Lobo, e muito mais ainda Miranda e Ferreira de Vasconcellos conheciam tambem a fundo as linguas classicas, a litteratura castelhana, e os maiores ingenhos da Italia, — fontes d'onde hauriram bastantes conhecimentos. Se enfeitam muitas paginas das suas obras com joias extrahidas, pelas suas proprias mãos, do veio popular, lá fazem brilhar, em outras muitas, ouro e ouropéis estrangeiros emprestados das litteraturas antigas ou do peculio original da nação convizinha.

Podia ser que as suas relações com o typo legendario do Judeu não fossem intimas, mas sim passageiras, convencionaes — litterarias.

E', pois, preciso examiarmos bem attentamente o caracter das passagens alludidas. Vejamos.

## I

Miranda creou na Comedia dos *Vilhalpandos* o typo da velhinha beata que por meio de devoções, executadas em companhia de nove «beguinhas», espera alcançar dos poderes celestes tudo quanto deseja. O fim das suas practicas devotas é tirar seu filho, um mancebo ingenho mas «como bom portuguez, da sua natural constelação apurado no amor», do captiveiro d'uma linda e desenvolta cortesã romana. Pois bem! é na boca d'esta velhinha legitimamente portugueza (apezar de matrona romana), a qual reza ensalmos e acende candeas de cera virgem, que se acha o nome de *João-d'espera-em-Deus*, a par das alminhas que vão em romaria a Santiago porque lá não forão em vida, a par da caldeira de Pero Botelho, do pesadelo da mão furada, e de outras muitas entidades mythicas, verdadeiramente populares, que exerceram e ainda hoje exercem grande prestigio na imaginação portugueza.

Um criado, de nome Antonieto pergunta:

«E João d'espera em Deus?»

E a beata Fausta, referindo-se a outra velha convertida, mais santa do que ella, que a ensinava e dirigia, responde:

«Vio e fallou-lhe: parece-me que em Grecia, e nunca mais via».

(Acto II, Esc. VII).

Note-se bem este traço caracteristico, commum ás lendas de to-

<sup>1</sup> Parte d'ellas já foram reunidas e aproveitadas por F. A. Coelho, Tb. Braga e Leite de Vasconcellos, mas quem caminhar — diligente Rut — após estes segadores, apanhando espigas, póde ajuntar ainda bastas gavellas de rico grão.

dos os paizes — a impossibilidade de rir, que distingue o eternamente triste Judeu.

E note-se tambem a particulazinha DE, por meio da qual *Juan-espera-en-dios* ficou nacionalizado em Portugal, chamando-se *João DE Espera em Deus!*

## II

Passemos ao *Auto dos Dous Irmãos* d'aquelle poeta comico que Francisco Manoel de Mello chamou o seu grande amigo, relevando simplesmente as linhas seguintes em que um dos dous irmãos (aquelle que se fuge «Confiado» e livre de ciúmes para «prender» melhor sua mulher, seguro da verdade da maxima que reza que

«com soltal-as as prendemos,  
com prendel-as as soltamos».

linhas em que elle se lamenta galhofeiramente da longevidade da sua mulher e commemora a immortalidade do Judeu errante (vid. p. 267).

esta molher  
dura cousa de não querer!  
lança-lhe o demo crescenças!  
*To eterno é no viver:*  
heí medo que d'ella nasça  
*João d'espera em Deus!*

## III

No *Auto do Mouro Encantado* do mesmo Antonio Prestes ha uma villã supersticiosa que vive com susto nas casas que habita; figura-se-lhe que ali anda cousa má, alma do outro mundo; e queixando se diz:

«o quequer que é no espelho,  
quando me vejo, en vejo».

Mas o marido, ridicularizando as suas illusões e chimeras e jurando que elle não vê nada d'extraordinario, responde:

Grimaneza Froes Botelha  
Vasconcellos Macarréos,  
sob estes veos  
crereis que o arco da velha  
que é *Jão d'espera em Deus!*

phrase em que a juxtaposição da *velha do arco* e do Judeu errante faz presumir que ambas as personalidades mythicas seriam igualmente populares. A forma *Jão* em lugar de *João* é muito vulgar. <sup>4</sup>

## IV

Francisco Rodrigues Lobo serve-se na prosa da «Córte na Aldea» (p. 117 das «Obras») da phrase evidentemente proverbial: «*correndo tantos lares e estalagens como João de-espera-em-deos*», em harmonia com o modismo siciliano, empregado com relação a quem nunca está quieto, nunca descansa e socega, que diz: *è un buttadeu*; *è comu buttadeu*. O habitante de Montpellier tem para casos identicos as locuções: *sembra un juif errant*; *marcha couma lou Juif errant*; *fai tant de camin couma lou Juif errant*.

## V

Da Eufrosina, livro singular, escripto por Jorge Ferreira de Vasconcellos com tenção manifesta de fazer rosario de proverbios e ditos graciosos, à moda da genial «Celestina», <sup>2</sup> extractamos a phrase interessante:

«*Por isso dizia Jam d'espera em deos que caça guerra e amores &c.*» (Acto v, Esc. ix, p. 335).

O proverbio ficou a meio, como se vê; provavelmente porque o autor sabia perfeitamente que entre os leitores do seu drama não podia existir um unico que ignorasse que «caça guerra e amores» dão «por um prazer cem do(]lores». Tantas e tantas vezes tinha sido apreogada esta verdade por autores nacionaes e castelhanos. <sup>3</sup>

Eis ali o velho hebreu, que assistiu durante seculos a todas as

<sup>1</sup> A defeituosissima edição moderna dos Autos de Antonio Prestes, revista por Tito de Noronha (Cf. *Rev. Lusitana*, adiante), escreve a p. 356:

*tão de espera em deus.*

É erro evidente, como eu já disse em outra parte. «*Zeitschrift*» de Groeber, vol. vi, p. 222.

<sup>2</sup> Traduzido malissimamente para hespanhol e citado por autores castelhanos, p. ex. Francisco Lopez de Ubeda na Novela picaresca da «*Picara Justina*» (1605) onde exalta ao lado dos enredos da Celestina, das simplezas de Lázaro, das elegancias de Guevara, os chistes da Eufrosina. (p. 1 e 41 da ed. de Paris 1847).

<sup>3</sup> A proposito seja dito de passagem que um dos poetas palacianos das cortes de D. Affonso v, D. João II e D. Manoel fez um vilancete sobre a segunda metade do proverbio. Canc. de Res. III. 473. *Vilancete d'Anrique da Mota*.

peripecias da historia humana, levantado á dignidade de **sábio**, de inventor ou propagador de todos os ditos sentenciosos, de todos os adágios, verbos, exemplos, rífios e anexins, em que o genio do povo condensou a sua philosophia, o seu modo de pensar e de sentir. Eil-o identificado com outra personalidade meio-mythica que descobrimos na poesia popular; quero dizer com «*aquelle bom Senço antigo e sabichoso*», gabado e citado por Gil Vicente, Prestes, Ferreira de Vasconcellos, Rodrigues Lobo, Leitão d'Andrade, Francisco Mannel de Mello e nos Autos populares, como legitimo representante da sabedoria do povo — neto ou tresneto do antigo e celeberrimo philosopho latino, cujas *sentenças* moraes, de santidade quasi-christã, tiveram fama universal, principalmente nos claustros da sua patria Hespanha. <sup>1</sup>

É pouco provavel que Jorge Ferreira de Vasconcellos attribuisse a *João de espera-em-Deos* a fama de sabio legendario por mero capricho, sem que a vontade popular, *vox populi*, tivesse anteriormente creado, desenvolvido, approvado e consagrado esta fama. Parece que foi costume da época apresentar sentenças vulgarissimas como ditos de ingenhos illustres, dando-lhes assim maior realce. Posso assignalar ao menos mais uma passagem na Eufrosina, em que o autor allude aos conhecimentos universaes e talvez sobrenaturaes do Judeu errante; é a pag. 8 do Prologo, onde lemos: «*sabe mais que João de Espera em Deus*», e outra identica, na novella castelhana da Lozana Andaluza, pag. 314:

*«y si yo supiese ó viese estas tres cosas que arriba he dicho, sabria mas que Juan Desperandios».*

## VI

Deixamos para o fim um facto isolado, de mais difficil interpretação, porque nelle se acham de mistura elementos populares e litterarios, que é preciso separar.

*João de Espera em Deus* figura, ainda na mesma comedia, como autor do engraçado, mas assaz escuro, Prologo. Apareceu pois, entre 1527 e 1537, diante de um publico portuguez como *Representador*, *Argumentador* ou seja *Introductor* da Eufrosina, fazendo o papel de embaixador extraordinario de S. A. o deus Apollão e das Musas, escolhido para se desencarregar habilmente da melindrosa missão de fazer admittir entre os Portuguezes — os quaes sabidamente são de má bocca e de gostos muito delicados — uma cousa *nova*, a comedia em mera linguaagem, i. é, *em prosa*.

O publico, ao qual elle apresentava esta novidade, devia ser um

<sup>1</sup> Sobre esta minha etymologia que deriva *senço* de *Seneca*, veja-se: *Zeitschrift* viii, 102. G. Paris, *Romania* xii, p. 412, propõe a derivação do adj. latino *senicus* — senil.

publico culto, composto principalmente dos moços fidalgos e nobres que seguiam os estudos nas Escolas do Mosteiro de Santa Cruz e estavam costumados a ver representadas e a representar tragedias e comedias classicas, nos seus divertimentos escolares. <sup>1</sup>

Só a mocidade academica podia apreciar devidamente as numerosas e engenhosas allusões a factos e entes pouco conhecidos da mythologia e historia classica, engraçando ao mesmo tempo com os innumerables annexins e modismos populares da pittoresca prosa vernacula do moço de camara do Infante D. Duarte, seu illustre condiscipulo <sup>2</sup>. Só esta podia gostar da estranha invenção do poeta, adivinhando a ideia fundamental, finamente ironica, que se esconde no Prologo, declamado pelo mais velho entre os velhos, que além d'isso se apresentava *com duplo rosto* e se orgulhava de ser estrangeiro.

Esta *duplicidade* deve ser uma reminiscencia classica, e não terá base popular, legendaria. Foi ideada pelo proprio poeta para symbolisar o saber mais que humano de João de Espera em Deus, a sua faculdade de conhecer o passado e prever o futuro que o aproxima do antigo Jano. <sup>3</sup>

De resto, o poeta deixa-lhe os seus caracteristicos geraes, internacionaes: é velho — «perro velho, de tempera velha; quando o demo nasceu já engatinhava» e como este «sabe muito porque é velho» — muito palrador, porque «dos velhos é serem palavrosos»; estrangeiro, que vem de longas terras <sup>4</sup>, e de grande sabedoria <sup>5</sup>. E se não fosse tudo isto: velho, estrangeiro, de grande saber, e acreditado lá fóra, como se atreveria o poeta a pôr na bocca d'elle certas verdades amargas e querer «enthronear» por elle certas novidades?

Sobre o seu traje, nada sei. Seria o usual, deromeiro; e não faltaria a bolsa proverbial com as cinco moedas. As palavras — «Ouvistes vós já de João de Espera em Deus? pois vedes-me aqui, *mais refinado cinquete que um cartaro*», — que confesso não entender, mas que se referem, sem duvida, ao vestuario da figura, seriam talvez ironicas, devendo ser traduzidas *cum grano salis*.

<sup>1</sup> Este *anfithrônio caureto*, mencionado como lugar da representação scenica, não admittre outra explicação, segundo o meu ver.

<sup>2</sup> Este facto ficou desconhecido a todos quantos escreveram sobre Jorge Ferreira de Vasconcellos, apesar de documentado nas *Provas* da Hist. Gen., T. I, pag. 615, onde o autor da Eufrosina, Aulegraphia e Ulyssipo figura ao lado do autor do Palmeirim de Inglaterra entre os moradores do filho de D. Manoel. (1521-43).

<sup>3</sup> «Vedes que eu sou como Jano; não me haveis de fazer esgaros por detrás que vos logo não vá com o dedo ao olho».

<sup>4</sup> «D'aquí me meto em vossas mãos e eu, João de Espera em Deus, espero tambem em vós, que me agasalheis por estrangeiro, que nos bons sempre acham amparo».

<sup>5</sup> Mostra conhecer até aquelles «preteritos passados» que não presenciou, porque confessa lembrar o tempo «em que Lucifer, de conserva com os tyrannos, quiz semelhar ao alto Jupiter (!) e foi arremessado ao centro do Etna! — o tempo «em que Saturno foi privado da sua immortalidade e morreu metade do mundo», etc. etc.

É quanto recolhi até hoje: material insufficiente para plena reconstrução da vida do Juden errante em Portugal; mas sufficiente para a demonstração do facto que a sua lenda existiu, em tempo, ha tres seculos e meio, na nação portuguesa, e que, portanto, *não é de introdução recente*.

Quer-me parecer que a defesa da outra these que eu desejava oppôr á do meu bom e amavel antagonista, F. A. Coelho, — estabelecendo que a lenda não é hoje completamente desconhecida ao *povo* portuguez — será sustentavel, mais tarde ou mais cedo. Esperemos que algum dos jovens folkloristas que ultimamente se dedicaram tão energeticamente á exploração da tradição oral d'este paiz, recolha, mais feliz do que eu, em qualquer cantinho de Portugal, uma lenda, um conto, um adagio, uma locução abreviada, ou simplesmente o nome de João de Espera em Deos, e que os historiadores estrangeiros do Juden errante tenham que acrescentar em futuras edições das suas monographias <sup>1</sup> um capitulo especial sobre Juan Espera-en-Dios em Hespanha e Portugal.

PS. — A' nota 1.<sup>a</sup> da pag. 35 tenho que additar mais duas palavras, uma simples conjectura, baseada em dados por ora pouco seguros.

No «Ensayo» de Gallardo, vol. 1, p. 726, n.<sup>o</sup> 592, menciona-se um «Dialogo» manuscripto, hespanhol, anonymo, dedicado a Philippe II, no qual *Pedro de Hurdimalas*, *Juan de Voto-a-Dios* e *Mata-las-callando*, — tres interlocutores com nomes evidentemente typicos de personagens legendarios, disputam sobre os costumes dos Turcos e outras cousas d'aquellas partes.

D'ahi se pôde inferir uma dupla supposição a que darei, cautamente, a forma de pergunta: 1.<sup>o</sup> *Juan-espera-en-dios* teria em Hespanha tambem o nome de *Juan-de-voto-a-dios*? 2.<sup>o</sup> Este nome, modificado pelo processo da etymologia popular, corresponderia ao italiano *Buttadio*?

Porto, Janeiro de 1887.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

<sup>1</sup> Graesse, *Der Tannhäuser und der Ewige Jude* Dresden, 1861; Helbig, *Die Sage von Ewigen Juden, ihre poetische Wandlung und Fortbildung*, Berlin 1874; G. Paris, *Le Juif errant*, Sandoz & Fischbacher, Paris 1880.